



## O OLHAR DE ESTUDANTES SOBRE A MODALIDADE A DISTÂNCIA: UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA EM UM CURSO DE JORNALISMO EAD

MARQUES, Williane de Sá (UENF)

BARROSO, Roberta Santana (UENF)

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de (UENF)

NUNES, Milena Ferreira Hygino (UENF)

**Resumo** – Com o intuito de refletir sobre a Educação Superior a Distância a partir da percepção de estudantes, este artigo apresenta uma pesquisa quantitativa realizada por meio de um questionário respondido por 52 alunos de um curso de Jornalismo EaD de uma instituição particular com sede na cidade do Rio de Janeiro e polos espalhados por todo o Brasil. A princípio, expõe-se um breve panorama histórico da Educação a Distância no Brasil a fim de contextualizar o cenário nacional. Depois, apresenta-se o perfil da amostra para, por fim, analisar os resultados obtidos por meio de um questionário on-line. A pesquisa qualitativa é realizada a partir do método da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016) aplicada a duas perguntas abertas do referido questionário que visam identificar as vantagens e desvantagens a Educação Superior a Distância para os estudantes participantes da pesquisa. Conclui-se que as vantagens elencadas são, em sua maioria, de ordem prática; e as desvantagens têm mais relação com questões coletivas do que individuais.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Educação a Distância. Percepção dos Estudantes. Bacharelado em Jornalismo.

## 1 Considerações iniciais

O ensino superior a distância tem se expandido e sido potencializado didaticamente pelo uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), que, ao longo dos últimos anos, tornaram essa modalidade de ensino cada vez mais confiável e acessível. Esse progresso proporcionou o aumento das possibilidades de interação entre alunos e professores por meio de um ambiente virtual, criando condições cada vez mais próximas daquelas obtidas por meio de encontros presenciais. Isso mostra que a EaD é uma opção viável para expandir a qualidade e a quantidade de atendimentos educacionais, também porque mostra-se como alternativa para aqueles que procuram conhecimentos específicos, mas possuem dificuldades geográficas ou econômicas.

Ainda sobre a expansão da EaD, é importante citar a pandemia da Covid-19, que, a partir de março de 2020, motivou as autoridades governamentais a difundir medidas de isolamento e distanciamento social, entre elas o fechamento de escolas e instituições de ensino superior, que passaram a ofertar aulas teletransmitidas. Então até mesmo aqueles que optaram pelo ensino presencial se viram impostos a se familiarizar com o ensino virtualizado diante da circulação do coronavírus, o que possibilitou que essa modalidade se mostrasse, hoje, mais concebível que antes.

Contudo, a Educação a Distância ainda apresenta uma série de desafios, como, por exemplo, o próprio perfil dos estudantes — que são, em geral, trabalhadores com idade mais avançada do que os jovens que ingressam em cursos presenciais — e, conseqüentemente, a falta de tempo que esses têm para se dedicar aos estudos. O resultado disso é o baixo desempenho desses sujeitos em exames de desempenho.

Ainda assim, todo esse contexto apresenta-se fecundo para pesquisas que visam analisar as condições em que se encontra a Educação Superior a Distância e apontar soluções para os problemas que são identificados. Esse foi o intuito da pesquisa descrita neste artigo. Aqui, buscou-se apresentar e interpretar as percepções de 52 estudantes do curso de Jornalismo a distância de uma universidade particular com sede no Rio de Janeiro e polos espalhados por todo o Brasil. Por meio das perguntas objetivas de um questionário online, foi possível traçar um perfil dessa amostra, e, depois, identificar quais seriam as vantagens e as

desvantagens da Educação a Distância apontadas pelos participantes em duas questões discursivas.

As respostas a essas duas questões foram analisadas utilizando o método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2006) que se baseia na *pré-análise* dos resultados obtidos; na *exploração* e *codificação* desse material; e no *tratamento analítico* dessas respostas. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, de viés exploratório, cujos resultados têm caráter de amostragem. O que se pretendeu então, foi pontuar as vantagens e as desvantagens da EaD fundamentando-se em uma base empírica, de modo a identificar, por meio de inferência e interpretação, se os pontos positivos são compartilhados e se os pontos negativos apontados por esses estudantes podem ser sanados ou, ao menos, minimizados.

## **2 Breve apreciação histórica e avaliativa sobre o Ensino Superior a Distância no Brasil**

Desde que a Educação Superior a Distância no Brasil começou a se desenhar, ainda no final da década de 1930, a flexibilidade em relação ao tempo e ao espaço para a realização dos percursos de aprendizagem dos estudantes mostrava-se como fecunda alternativa para solucionar as defasagens educacionais no país. O rádio, a televisão e, mais tarde, a internet, foram as ferramentas utilizadas para o desenvolvimento de políticas que visavam à expansão do Ensino Superior.

Essa modalidade potencializou-se a partir da década de 1990, por meio dos recursos tecnológicos mais profícuos que começavam a despontar à época. Tanto que, em 1992, foi criada a Coordenadoria Nacional de Educação a Distância, que, dois anos mais tarde, apresentou a Proposta de Diretrizes de Política para a Educação a Distância (MONTEIRO, 2020; PRETI, 2011); e, em 1995, fundou-se a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), uma sociedade sem fins lucrativos que se mantém em funcionamento e que objetiva, entre outros aspectos, estimular a prática, o desenvolvimento de projetos e a credibilidade em/da Educação a Distância no país.

A integração da EaD no sistema de ensino brasileiro ocorreu, de fato, após a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL,

1996), em 1996, ano em que foi criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED), pelo MEC, considerada o marco regulatório para a institucionalização e o reconhecimento legal dessa modalidade de ensino no país (ALVES, 2011). A LDBEN já definia a necessidade de credenciamento de instituições, de avaliação de desempenho e de reconhecimento de cursos nessa modalidade, considerando ainda os meios pelos quais seria disseminada, mesmo antes da expansão da Internet, o que veio acontecer de forma mais acentuada a partir dos anos 2000.

Nos anos 2001 e 2002, outros passos foram dados rumo à consolidação da EaD no Brasil. Primeiro, com a permissão das universidades e instituições congêneres oferecerem até 20% da carga horária de seus cursos já reconhecidos na modalidade a distância e, depois, com a criação de uma Comissão de Assessoria para EaD, formada por especialistas, representantes de instituições públicas e privadas e membros do Ministério para desenvolver, de forma mais precisa, normatizações e políticas públicas para essa área, expandindo o que já vinha sido pontuado na LDBEN (SILVA; FERREIRA, 2018).

Foi somente em 2005 que a Educação Superior a Distância foi regulamentada, por meio do Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que caracteriza:

a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (DECRETO, 2005, p. 1).

Mas a estruturação dessa Educação a Distância veio a ocorrer em 2006, por meio do Decreto nº 5.800, de 8 de junho, que instituiu o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), “voltado para o desenvolvimento da modalidade de Educação a Distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país” (DECRETO, 2006, p. 1). O projeto visava à articulação da Educação Superior a Distância gratuita por meio de um sistema integrado composto por universidades e centros de educação tecnológica (PELLI; VIEIRA, 2018), priorizando a oferta de cursos de licenciatura e de formação inicial e continuada de professores da Educação Básica, além da capacitação de diretores, gestores e trabalhadores desse setor.

Afora a regulamentação, ainda se fazia necessário o apoio físico para a consolidação dessa modalidade. Tanto que, em 2007, com a Portaria Normativa nº 02, de 10 de janeiro, foi estabelecida a necessidade de oferta, por parte das instituições credenciadas, de polos de apoio presencial aos cursos a distância, onde os estudantes poderiam ter acesso a bibliotecas, salas de estudo, auditórios, laboratórios etc., o que ocorre até hoje, em 2022.

Segundo Pelli e Vieira (2018), as primeiras ofertas de "cursos-piloto" em Administração aconteceram em 2006 e, no ano seguinte, outros cursos foram ofertados — como Pedagogia, Letras-Português, Matemática, Educação Física etc. — em 311 polos de universidades federais e Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) situados em 305 municípios (PELLI; VIEIRA, 2018). 2007 ainda foi o ano em que foi divulgada a Portaria Normativa nº 2, que também estabeleceu os procedimentos para regulação e avaliação da Educação a Distância.

Essas foram as bases para a consolidação da Educação a Distância no Brasil. O resultado dessas medidas pode ser aferido em números: em um intervalo de 10 anos, entre os anos de 2010 e 2020, o quantitativo de novos alunos em cursos superiores a distância cresceu 428,2% (BRASIL, 2022). Somente em 2020, quando a pandemia da Covid-19 sentenciou o fechamento das instituições de ensino de modo a garantir o isolamento social e conter a propagação do coronavírus, 53,4% dos novos estudantes de graduação escolheram a EaD, enquanto 46,6% optaram por cursos presenciais.

Tendo em conta esses dados, faz-se pertinente citar ainda que uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) é expandir a Educação Superior, elevando a taxa bruta (representada pelo total da população que frequenta cursos de graduação dividido pela população de 18 a 24 anos) de matrículas nesse nível de ensino para 50%; e a taxa líquida (total da população de 18 a 24 anos que frequenta o ensino superior dividido pela população de 18 a 24 anos) para 33% dessa faixa etária (BRASIL, 2020b). Trata-se de um objetivo ambicioso, mas que pode ser alcançado em virtude da EaD. Isso somado ao fato de que a procura por cursos superiores presenciais tem diminuído. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, os alunos em cursos a distância já representavam 35% da rede privada de graduação (IBGE, 2020).

Nota-se que, ao longo da história, mais Instituições de Ensino Superior da rede privada passaram a apostar na EaD, o que representou um aumento no número de vagas e de opções de cursos a distância: somente de 2018 a 2019, houve um aumento de 1.352 cursos ofertados nessa modalidade (IBGE, 2020). O IBGE (2020) mostra ainda que o curso de Pedagogia é o que mais concentra alunos, tanto na rede pública (15,2%), quanto na rede privada (22,5%), seguido das Licenciaturas (11,8%) na rede federal, e Administração (11,5%) nas Instituições de Ensino Superior (IES) particulares.

Dentre esses números positivos, há outros pontos que devem ser considerados quando se trata de Educação Superior a Distância. Pontua-se, aqui, um dos mais urgentes, que é o perfil socioeconômico dos alunos: com mais de 25 anos (91%), trabalhadores (88%), com renda familiar de até três salários mínimos (50%) e dispendo de menos de três horas de estudo por dia (48%), segundo os resultados do último Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), de 2019 (BRASIL, 2020a). No que se refere à avaliação, esse mesmo documento aponta que mais da metade dos cursos EaD (51,3%) tiveram conceitos 1 e 2, considerados como “conhecimento insatisfatório” por parte dos alunos, enquanto, nos cursos presenciais, esse índice é de 35% (CORREIO BRAZILIENSE, 2020).

Essas referências demonstram que, embora a Educação Superior a Distância seja o caminho mais democrático para a qualificação profissional e intelectual da população e esteja alinhada às tendências contemporâneas por ser mediada pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), há muitos desafios a serem superados e novas abordagens a serem experimentadas, principalmente no que tange aos desenhos didático-pedagógicos. Considerar que a história da EaD no Brasil ainda é recente e que há pontos que devem ser melhor observados e desenvolvidos, principalmente em relação ao desenho didático e ao desempenho dos egressos, é importante e justifica a realização da presente pesquisa.

### **3 Perfil dos estudantes que participaram da pesquisa**

A fim de traçar um perfil dos estudantes da Educação a Distância e de compreender suas percepções sobre essa modalidade de ensino a partir de uma amostra, aplicou-se um questionário a 52 alunos do primeiro ao quarto período

(semestre) do curso de graduação em Jornalismo EaD de uma universidade particular com sede na cidade do Rio de Janeiro e polos espalhados por todo o Brasil. Assim, esta pesquisa qualifica-se em relação à sua abordagem como quantitativa, uma vez que, nesse questionário, havia perguntas objetivas e discursivas, estas elaboradas com o intuito de reconhecer quais seriam as vantagens e as desvantagens de se cursar uma graduação EaD na opinião desses sujeitos.

De início, é importante esclarecer que esta pesquisa foi realizada com estudantes de um único curso, de Jornalismo, de uma universidade específica. Os resultados aqui apresentados têm, portanto, um caráter de amostra, não podendo ser tomados como absolutos no que se refere nem ao perfil traçado a partir das perguntas objetivas, nem às opiniões colhidas por meio das discursivas. O que se pretende, tendo como base os dados aqui apresentados, é visualizar um panorama amplo e compreender, ainda que não em totalidade, as dificuldades e os anseios daqueles que optaram pela graduação a distância durante a pandemia da Covid-19.

Aliás, faz-se importante considerar esse cenário: os estudantes que responderam ao questionário ingressaram no curso a partir do segundo semestre do ano de 2020, quando o coronavírus já circulava no país e as medidas de isolamento e distanciamento social já haviam sido tomadas. Têm-se, então, uma especificidade em relação a esses dados. Contudo, invariavelmente, este artigo conserva sua pertinência por se tratar de uma pesquisa empírica, com sujeitos participantes da dinâmica da Educação Superior a Distância, em um dado período histórico, mais especificamente em maio de 2022, quando o questionário foi aplicado por meio da ferramenta *Google Forms*.

Dos 52 estudantes do referido curso, a maioria, 22 (42,3%), tem entre 17 e 27 anos. O recorte dessa faixa etária foi feito considerando que foi em maio de 1995 (há 27 anos) que o serviço de acesso à internet começou a ser distribuído aos usuários comuns no país; primeiro por meio de um projeto experimental da estatal Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações); e, logo depois, pela aprovação e regulamentação da privatização desse mercado pelo Ministério das Comunicações, que quebrou o monopólio do sistema e expandiu a demanda pelo acesso à rede no país (CARVALHO, 2006). Esse recorte também compreende o

início da chamada “Geração Z”, em 1997. Apreendemos, então, que a maioria dos participantes da pesquisa já nasceu em um contexto de democratização da Internet. As menores porcentagens (13,5% e 5,8%) registradas são formadas por 7 e 3 alunos com idades entre 39 e 49 e 50 e 60 anos, respectivamente.

Em relação ao local de residência, a cidade do Rio de Janeiro é a que concentra o maior quantitativo dos participantes desta pesquisa. Mas também há estudantes oriundos de outros municípios do mesmo estado, como São Gonçalo, Duque de Caxias, Nilópolis, Niterói, Itatiaia, Nova Friburgo, Conceição de Macabu, Carapebus e Campos dos Goytacazes, 47 no total. Há também estudantes em três municípios de Minas Gerais, Ipatinga, Timóteo e Juruáia; e um estudante do estado de Goiás, mais precisamente do município de Urutaí. Sobre isso, é importante reiterar que os cursos a distância possibilitam que haja alunos residentes de diversas partes do país, desde que nos arredores dos municípios em que vivem exista um polo da instituição de Ensino Superior. Ainda assim, nesta presente pesquisa, quase que a totalidade da amostra encontra-se na região Sudeste do Brasil.

Com o intuito de conhecer a realidade socioeconômica e ocupacional desses participantes da pesquisa, foram elaboradas três perguntas. A primeira delas referiu-se à renda familiar mensal desses estudantes: 36 deles (38,5%) recebem de 3 a 5 salários mínimos: 16 (30,8%) recebem até dois salários mínimos (R\$ 2.424); 11 (21,2%), de 6 a 10 salários mínimos; e 5 (9,6%), acima de 10 salários. Em 2022, o salário mínimo mensal está cotado em R\$ 1.212. Esse resultado permite inferir que, mesmo que matriculados em uma instituição de ensino superior particular, os sujeitos da pesquisa, em sua maioria, possuem rendimento bem próximo do médio mensal real do brasileiro: R\$ 2.213 em 2020, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

As outras duas perguntas relacionadas à ocupação profissional dos estudantes buscavam identificar se eles estavam inseridos no mercado de trabalho e qual a sua carga horária diária remunerada. 20 estudantes, a maior parcela dos pesquisados (38,5%), disseram trabalhar em regime CLT, com carteira assinada. A segunda maior consistiu nos 11 estudantes (21,2%) que afirmou não estar inserida no

mercado. Outros 8 (15,4%) disseram trabalhar de maneira autônoma, sem vínculo empregatício e outra parcela com a mesma porcentagem também encontra-se em um cargo público. Apenas 2 (3,8%) alegaram atuar em regime PJ e como estagiários. E dos 40 estudantes que responderam ter alguma ocupação remunerada, 38 (40,4%) disseram trabalhar de 5 horas a 8 horas por dia, que é a média diária brasileira; outros 17 (32,7%) alegaram trabalhar entre 8 horas e 12 horas diárias; e 1 (1,9%) trabalha até 4 horas dia. Essas perguntas objetivaram avaliar a dedicação desses alunos aos estudos e confirmar os números nacionais. De acordo com dados estatísticos do ENADE 2019, os mais recentes disponíveis, 55% dos estudantes da modalidade a distância trabalham 40 horas por semana e a maioria (48%) dispõe de menos de 3 horas e estudo por dia. Esses números refletem a dificuldade de engajamento dos estudantes com a graduação.

Ainda sobre os dados objetivos colhidos nesta pesquisa, identificou-se que, dos 52 participantes, todos cursam do primeiro ao quarto período do curso de Jornalismo, sendo que o maior número está concentrado no terceiro (46,2%) e o menor no primeiro (11,5%). Considerando que os alunos do quarto período ingressaram no segundo semestre de 2020, os números apontam que a maioria dos estudantes ingressou na universidade no segundo semestre de 2021, quando a vacina da Covid-19 já estava disponível no Sistema Único de Saúde (SUS). Vale citar também que, dentre todos os estudantes, 28 (53,8%) disseram que o referido curso é a sua primeira experiência com a EaD e, questionados se fariam um curso presencial ou seguiriam em um curso a distância caso pudessem escolher, 37 (71,2%) disseram que permaneceriam na EaD.

Esses dados quantitativos foram essenciais para traçar o perfil da amostra desta pesquisa: a maioria nasceu após a democratização da Internet; reside no estado do Rio de Janeiro; tem renda mensal familiar de até 5 salários mínimos; está inserida no mercado de trabalho, principalmente atuando em regime Consolidação das Leis do Trabalho (CLT); trabalha entre 5 horas e 8 horas por dia; experiencia a Educação a Distância pela primeira vez; e prefere essa modalidade à presencial.

## 4 O olhar do estudante sobre a experiência na EaD

Como dito anteriormente, a presente pesquisa também compreende o método qualitativo, por meio das respostas às perguntas discursivas do questionário aplicado à amostragem acima descrita. Essas perguntas visaram descobrir quais seriam as vantagens e as desvantagens de se cursar uma graduação a distância na percepção desses estudantes. A priori, de maneira intuitiva, é possível inferir quais seriam os benefícios e malefícios da EaD. Por exemplo: do lado positivo, pode-se citar a flexibilidade; e, do lado negativo, a falta de conexão física entre os agentes da Educação. Mas não se pode negar que essa compreensão parte, muitas vezes, de um senso comum. Esta pesquisa foi realizada, então, para fundamentar as afirmações em uma base empírica, além de fornecer informações que podem contribuir para a melhoria da experiência dos estudantes de cursos a distância, caso esses resultados cheguem às universidades e sejam levados em consideração.

Assim, para analisar e interpretar essas respostas, optou-se pelo método de Análise de Conteúdo de Bardin (2016, p. 47). Trata-se de:

Um conjunto de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 47).

Esse método organiza-se em três fases: 1) *pré-análise*; 2) *exploração do material*; e 3) *tratamento dos resultados: inferência e interpretação*. Na fase 1, foi feita uma organização e seleção do *corpus* da pesquisa por meio do que Bardin (2011) chama de "leitura flutuante"; foram formuladas hipóteses (afirmações iniciais), verificadas posteriormente; e também foi elaborado um esquema de trabalho com indicadores sistemáticos — ou seja, recortes dos documentos analisados, buscando os temas que se repetiam — que nortearam as demais fases de análise.

Para este artigo, foram selecionadas as respostas a duas perguntas do questionário, a saber: A) *Na sua opinião, qual a maior vantagem em cursar uma graduação a distância?* e B) *E qual a maior desvantagem?* Em ambas, os estudantes foram orientados a citar apenas uma vantagem e uma desvantagem. De início, acreditou-se que as vantagens estariam mais relacionadas à conveniência e

viabilidade prática de se cursar uma graduação; já as desvantagens estariam ligadas à dificuldade de conexão interpessoal no meio virtual. Objetivou-se, pois, que os resultados obtidos permitissem confirmar ou invalidar essa hipótese para que fosse possível, posteriormente, pensar e traçar estratégias que fortalecessem os benefícios dessa modalidade e desfizessem as dificuldades dos graduandos.

Foram obtidas 52 respostas para cada uma das duas perguntas (total de 104) e, sobre esse *corpus* da investigação, aplicaram-se os critérios de seleção dos documentos elencados por Bardin (2016): (i) *da exaustividade*, que objetiva esgotar a totalidade da comunicação, isto é, não se deve omitir qualquer dado coletado; (ii) *da representatividade*, que compreende que as respostas selecionadas devem representar o universo da pesquisa; (iii) *da homogeneidade*, uma vez que os dados devem referir-se ao mesmo tema; (iv) *da pertinência*, que garante que os documentos são condizentes aos objetivos da pesquisa; e, por fim, (v) *da exclusividade*: os elementos não podem estar presentes em mais de uma categoria elencada.

Devido ao *corpus* se tratar de respostas curtas e objetivas, a princípio foi elaborada uma tabela com as 52 vantagens e 52 desvantagens elencadas pelos estudantes no questionário, transcritas fielmente (sem correção de eventuais erros gramaticais), e tomando como base os critérios acima mencionados.

A) VANTAGENS	B) DESVANTAGENS
1. Acessibilidade	1. Não ter tanto contato com o professor e os colegas
2. Autonomia	2. Menor Referência
3. Horário flexível	3. Não ter um relacionamento mais profundo com professores e outros alunos
4. Tempo	4. Nenhuma
5. O Custo.	5. Minha falta de disciplina.
6. Horário flexível	6. Nenhuma

7. Assistir as aulas sem comprometer outras atividades diárias	7. Não ter o contato direto com os professores e demais alunos.
8. Acordar tarde	8. Falta de contato físico
9. Horário Flexível	9. Local de estudo
10. Poder ter mais flexibilidade para assistir as aulas.	10. Um pouco de falta de inserção nos processos de aprendizado.
11. Disponibilidade de encaixar na rotina	11. Disciplina para assistir todas as aulas e ser presente.
12. Não necessitar percorrer grandes distâncias.	12. Não ter o contato de sala de aula com professores e colegas.
13. A praticidade e a velocidade de adquirir o conteúdo	13. As diversas distrações no qual estão disponíveis caso o aluno(a) não tenha foco no período de estudos.
14. Flexibilidade (dias e horários).	14. Pouca interação pessoal com professores e colegas.
15. Flexibilidade	15. Procrastinação
16. posso fazer meu horário	16. tem que ser muito organizado
17. Flexibilidade.	17. Interrupção na conexão.
18. Assistir as aulas em casa	18. Fica distante da sala de aula
19. A acessibilidade.	19. A atmosfera presencial da faculdade (amigos, trabalhos, professores e até festas). Sendo sincero, o EAD é um modelo mais "frio".
20. Poder estudar de qualquer lugar e em qualquer horário.	20. A interação em grupos para o desenvolvimento do aprendizado.
21. Maior chance de concluir o curso	21. Falta de interação presencial, trabalhos em grupos.
22. Conteúdo	22. Curto tempo para as provas
23. Flexibilidade	23. Falta de contato físico.

24. Como moro no interior de Minas, consigo conciliar minha vida aqui com a faculdade	24. Tenho medo de não sair tão bem na prática
25. Flexibilidade	25. Falta do professor em sala de aula para respostas rápidas
26. Mais flexibilidade nos horários	26. Falta de rotina
27. Horário	27. Nenhuma
28. Economia do tempo de deslocamento	28. Menos interação com outros estudantes (inclusive de outros cursos)
29. Horário de estudo.	29. Não ter contato com os professores e alunos.
30. A flexibilidade de horários para quem tem compromissos de trabalho	30. A falta de contato direto com professores e colegas para troca de ideias e experiências
31. Fazer seu horário de estudo de acordo com sua rotina atual.	31. É necessário ser mais exigente consigo mesmo para realmente estar presente e ser um estudante ativo.
32. Flexibilidade de horários	32. Dificuldade em fazer networking
33. A possibilidade de fazer meu horário.	33. A dificuldade em tirar dúvida de imediato com professor e a troca com os colegas. Isso é bem diferente do presencial, por incrível que pareça.
34. Poder fazer o curso encaixando seus horários livres	34. Falta de contato pessoal com professores e colegas de turma/semestre.
35. Flexibilidade.	35. Problemas de questões técnicas. Por exemplo: Erro na plataforma.
36. O tempo ao seu favor	36. O preconceito que envolve fazer um curso EaD
37. Criar meus horários	37. Falta de contato com outros
38. Como disse antes, flexibilidade de horários e acesso ao conteúdo de onde eu estiver.	38. Compartilhamento de informação entre estudantes, embora esse seja um problema mais “pessoal” do que um problema da estrutura de ensino a distância em si.

39. Poder montar o seu próprio horário de estudos.	39. Não estar em sala de aula.
40. Flexibilidade de horário	40. O conteúdo fica mais restrito
41. Facilidade dos horários	41. Interação com pessoas
42. Otimização de tempo e finanças	42. Caso um dia eu esteja s acesso a Internet
43. Valores mais acessíveis	43. A possibilidade de me deslocar para fazer provas presenciais
44. A flexibilidade do horário.	44. O pouco contato com o mundo acadêmico.
45. Flexibilidade de horário	45. Sendo uma aula virtual, é muito mais fácil se distrair.
46. A flexibilidade em relação ao tempo	46. A falta de interação com outros estudantes
47. Organização de horários.	47. A não vivência da presença com colegas de turma
48. A comodidade.	48. Organização de horários.
49. Financeiro	49. Aprendizado fica mais defasado não tendo contato direto com a sala de aula. Porém, é costume.
50. Comodidade	50. Falta de Networking
51. Flexibilidade de horário	51. Ausência/pouca troca de informações entre o corpo docente e discente.
52. A flexibilidade de horários. Consigo fazer meus próprios horários e deixar essa experiência mais leve e adaptar a minha rotina (e imprevistos)	52. A perda da experiência acadêmica. Você não fazer amizades, conhecer seus professores presencialmente, ter núcleos de estudos, laboratórios e etc. é uma perda enorme.

***Tabela 1 - Vantagens e desvantagens da graduação a distância, de acordo com estudantes***

A partir dessas respostas, entendeu-se que a flexibilidade em relação aos horários de estudos seria, talvez, a principal vantagem dos cursos a distância, na opinião dos estudantes. Em contrapartida, a falta de contato com os professores e

colegas seria a pior desvantagem. Trata-se, portanto, de um benefício pragmático e de um malefício subjetivo no que diz respeito à apreensão de conhecimento para a futura prática profissional. É certo que, num curso a distância, tem-se a vantagem de se estudar no horário em que achar mais conveniente; contudo, estar próximo fisicamente do professor e dos colegas não necessariamente configura uma garantia de melhor aprendizagem. O que se pode dizer é que a troca interpessoal em uma sala de aula física proporciona outros saberes e experiências mais alinhados às questões individuais e relacionais do que ao desempenho intelectual.

Na segunda fase, de *exploração do material e categorização*, foram escolhidas as unidades de registro, que são o recorte desse *corpus*; enumeradas as regras de contagem; e criadas as categorias a partir de características comuns a fim de classificar as respostas obtidas e viabilizar a análise (BARDIN, 2016).

Unidade de registro é "a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial" (BARDIN, 2016, p. 68). Nesta pesquisa, utilizaram-se como unidades de registro os "*temas*" das respostas dos estudantes, isto é, os "*núcleos de sentido*" que compõem essas respostas. Assim, primeiramente em relação à pergunta A, foi elaborada uma tabela com categorias de análise intermediárias.

<b>A) VANTAGENS</b>			
<b>Categorias Temáticas Intermediárias</b>	<b>Unidades Iniciais</b>	<b>Total de respostas</b>	<b>Porcentagem</b>
<i>Flexibilidade</i>	3, 4, 6, 7, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 20, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 51, 52	35	67,30%
<i>Comodidade</i>	1, 8, 11, 12, 18, 19, 24, 28, 48, 50	10	19,23%
<i>Autonomia e conteúdo</i>	2, 13, 21, 22	4	7,69%
<i>Custo</i>	5, 43, 49	3	5,76%

**Tabela 2 - Vantagens da graduação a distância classificadas em categorias intermediárias**

Essas categorias foram criadas, conforme dito, a partir dos eixos temáticos identificados nas respostas dos estudantes. Assim percebeu-se que, de fato, a flexibilidade em relação ao tempo é a principal vantagem da modalidade a distância elencada pelos participantes da pesquisa, seguida da comodidade (como estudar em casa, não precisar se deslocar etc.). A categoria “*Autonomia e conteúdo*” englobou respostas que mencionaram a independência do estudante em relação à turma e a facilidade de apreensão do conhecimento por meio das plataformas *on-line*. O custo da mensalidade de cursos EaD, que costuma ser reduzido em comparação com o de cursos presenciais, também foi mencionado como ponto positivo da Educação a Distância.

A fim de contabilizar as desvantagens da EaD para essa amostra, foi elaborada uma tabela semelhante, mas com categorias adequadas às respostas dessa segunda pergunta.

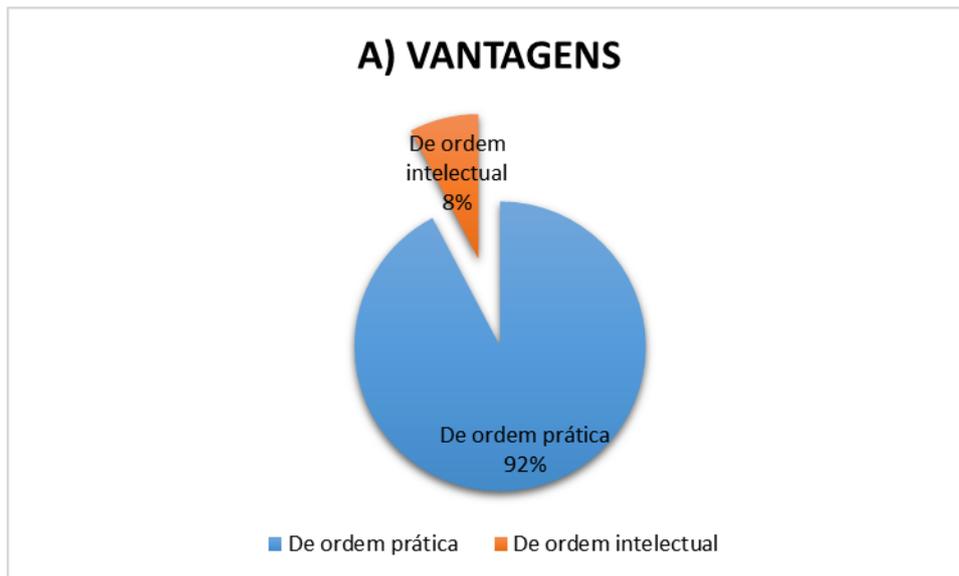
<b>B) DESVANTAGENS</b>			
<b>Categorias Temáticas Intermediárias</b>	<b>Unidades Iniciais</b>	<b>Total de respostas</b>	<b>Porcentagem</b>
<i>Perda da experiência acadêmica</i>	1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 41, 44, 46, 47, 49, 50, 51, 52	32	61,53%
<i>Inseguranças e receios</i>	24, 36, 40	3	5,76%
<i>Problemas técnicos</i>	17, 35, 42	3	5,76%
<i>Falta de disciplina e organização</i>	5, 11, 13, 15, 16, 22, 26, 31, 43, 45, 48	11	21,15%
<i>Nenhuma</i>	4, 6, 27	3	5,76%

**Tabela 3 - Desvantagens da graduação a distância classificadas em categorias intermediárias**

Dessa vez, criaram-se cinco categorias em vez de quatro, uma vez que três estudantes disseram não encontrar desvantagens nessa modalidade de ensino. Para os demais, a “*Perda da experiência acadêmica*” foi o principal prejuízo apontado. Nessa categoria, encontram-se respostas que mencionam a falta de contato físico com professores e colegas, *networking* limitado, a dificuldade para se firmar laços de amizade, bem como a carência de um local adequado para estudos. A “*Falta de disciplina e organização*” também foi citada como desvantagem, tendo em conta que, na EaD, a autonomia, considerada por alguns uma vantagem, pode ser interpretada de maneira negativa por outros. Os estudantes também mencionaram “*Problemas técnicos*” relacionados às plataformas virtuais e “Inseguranças e receios” sobre a modalidade a distância como desvantagens.

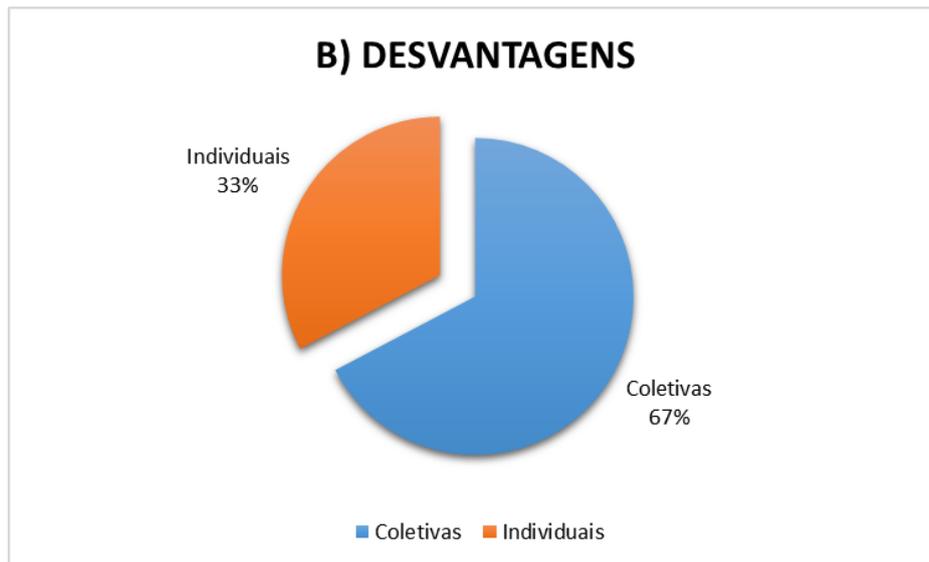
A partir desse processo indutivo de categorização das respostas às duas questões abertas do questionário, foi iniciada a terceira etapa da Análise de Conteúdo, de *tratamento dos resultados obtidos e interpretação*. Segundo Bardin (2016), nessa fase “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (‘falantes’) e válidos” e “submetidos a provas estatísticas”, de modo que o analista possa, a partir deles, “propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos” (BARDIN, 2016, p. 127).

A fim de se visualizar as vantagens e as desvantagens da EaD e de se interpretar esses resultados, foram elaborados dois gráficos que segmentam as respostas dos estudantes em categorias dicotômicas.



**Figura 1 - Categorização dicotômica das vantagens da graduação a distância**

O gráfico acima permite visualizar que, das vantagens mencionadas pelos participantes da pesquisa, 92% foram classificadas como “*De ordem prática*”, isto é, são vantagens relacionadas à rotina e ao desembolso mensal dos estudantes. Nessa Categoria Final, foram incluídas as respostas enquadradas nas Categorias Temáticas Intermediárias “*Flexibilidade*”, “*Comodidade*” e “*Custo*”. Apenas 8% das vantagens são, então, “*De ordem intelectual*”, voltadas à apreensão dos conhecimentos transmitidos na graduação. Portanto, nota-se que os benefícios da EaD, para a amostra desta pesquisa, são, em sua maioria, práticos. Estudar a distância pode ser vantajoso porque permite que os estudantes conciliem esses estudos com outras atividades e porque são mais acessíveis financeiramente.



**Figura 2 - Categorização dicotômica das desvantagens da graduação a distância**

Já em relação às desvantagens, essas foram categorizadas como “*Coletivas*” ou “*Individuais*”, por se entender que as dificuldades encontradas ao cursar uma graduação a distância podem apontar questões que abarcam o grupo ou ser específicas, isto é, estar relacionadas a questões subjetivas. Assim, foi depreendido que 67% das desvantagens não são restritas a um ou a um número reduzido de estudantes. Aqui, incluíram-se as Categorias Temáticas Intermediárias “*Perda da experiência acadêmica*” e “*Problemas técnicos*”, uma vez que se entende que esses eixos temáticos envolvem a coletividade. Por outro lado, 33% das desvantagens foram categorizadas como “*Individuais*”, que compreendem as Categorias Intermediárias “*Inseguranças e receios*”, “*Falta de disciplina e organização*” e “*Nenhuma*”. Deduz-se, assim, que as desvantagens delimitadas a esses eixos temáticos não necessariamente afligem o grupo. Em suma, estudar a distância pode ser desvantajoso porque essa modalidade apresenta dificuldades que afetam diretamente um número maior de estudantes.

Com esses resultados obtidos, selecionados, codificados e categorizados, conclui-se que a Educação a Distância tem como trunfo a possibilidade de adaptação às demandas profissionais e familiares e às condições econômicas dos estudantes, considerando, ainda, o perfil desse grupo apresentado na seção anterior deste artigo. Se no passado cursar uma graduação era um privilégio destinado

àqueles que possuíam tempo e dinheiro, hoje, com a expansão da EaD, o acesso ao Ensino Superior está cada vez mais democratizado.

Contudo, não se pode negar que os estudantes que se matriculam em cursos a distância ainda enfrentam dificuldades mais coletivas do que individuais. Isso significa que as “desvantagens” que envolvem essa modalidade não se restringem a questões como a falta de foco ou disciplina ao se estudar em casa, mas a outras maiores, como a instabilidade na conexão à Internet, dificuldade para encontrar um espaço adequado para os estudos ou mesmo para fazer *networking*.

Justamente por essas desvantagens serem mais coletivas que individuais, que se é possível pensar em estratégias que possibilitem ao menos amenizá-las. Não que essa seja uma tarefa simples. Todavia, tornar o ambiente EaD mais acolhedor e profícuo às atividades práticas que compreendem cada uma das profissões, descomplicar as funcionalidades dos ambientes virtuais de aprendizagem ou mesmo possibilitar que um maior número de pessoas tenha acesso à Internet de qualidade são medidas que envolvem não somente as Instituições de Ensino Superior, mas os pesquisadores, ao proporem trabalhos que reflitam sobre essas questões, e também o Estado, na criação de políticas públicas voltadas para essa finalidade. Afinal, se a Educação a Distância é o presente e o futuro da educação superior no país, é preciso olhar para essa modalidade com mais atenção, cuidado e disposição para a sua constante melhoria.

## **5 Considerações finais**

O presente artigo é fruto de uma pesquisa mais ampla desenvolvida por uma das autoras que objetiva visualizar o cenário da Educação Superior a Distância no Brasil e elaborar um modelo de ensino de Jornalismo EaD que compreenda a apreensão dos conhecimentos e desenvolvimento das habilidades necessárias para o exercício da profissão de jornalista no mundo digital contemporâneo. Aqui, no entanto, foi feito apenas um recorte desse estudo a fim de se apresentar resultados pertinentes sobre essa modalidade de ensino que se encontra em constante expansão.

Esses resultados, ainda que possam ser considerados evidentes, uma vez que confirmam o senso comum, formalizam empiricamente as considerações a respeito

das vantagens e desvantagens de se cursar uma graduação a distância. Por meio desta pesquisa, foram expostas as percepções de 52 estudantes. Trata-se de uma pequena amostra, mas que conflui com o perfil brasileiro dos alunos da EaD, segundo dados do último ENADE. Nesta pesquisa, os participantes são, em sua maioria, jovens moradores da região Sudeste do país, trabalhadores com renda familiar de até cinco salários mínimos e que, apesar das “desvantagens” elencadas, ainda preferem cursar o ensino superior a distância ao presencial.

Em duas questões abertas do questionário, os estudantes declararam quais seriam, para eles, os benefícios e os malefícios dessa modalidade de ensino. Por meio da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), essas respostas foram apreciadas, selecionadas, categorizadas a fim de que se pudesse, a partir do tratamento científico dado a esses argumentos individuais, obter uma visão macro da relação dos alunos com a Educação a Distância.

Assim foi feito. Foram elaboradas tabelas que categorizaram as respostas dos estudantes em eixos temáticos e, depois, dois gráficos que permitiram visualizar, em categorias dicotômicas, a procedência das vantagens e das desvantagens da EaD na percepção desses sujeitos da pesquisa. No que tange às vantagens, interpretou-se que a maior parte delas é de ordem prática, isto é, está relacionada à flexibilidade, à comodidade e ao custo das mensalidades. Já em se tratando das desvantagens, apreendeu-se que a maioria delas abarca o coletivo, pois não se restringe às dificuldades individuais desses sujeitos. Dentre esses “problemas” coletivos, identificou-se, por exemplo, a perda da experiência acadêmica em sala de aula, a dificuldade para se fazer *networking* e alguns obstáculos tecnológicos.

O que se pode concluir por meio dos resultados brutos e das inferências feitas é que a Educação Superior a Distância, ainda que seja o caminho mais democrático para se ter acesso à formação profissional e intelectual, pode ser também tortuoso. Isso porque, para se amenizar as desvantagens mencionadas pelos estudantes, é preciso mais do que o empenho dos três sujeitos da Educação — instituições, professores e alunos —, mas, sobretudo, do poder público e da sociedade de modo geral, a fim de se instituir e de requerer políticas voltadas para essa modalidade de ensino em ascensão.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 20, 2011. Disponível em: [http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista\\_PDF\\_Doc/2011/Artigo\\_07.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf). Acesso em: 05 jun. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. **Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/portarias/dec5.622.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2020: resumo Técnico**. Brasília, 2022. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2020.pdf). Acesso em: 29 mai. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Press Kit Enade 2019**. Brasília, 2020a. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/documentos/2019/presskit\\_enade\\_2019\\_v1.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/documentos/2019/presskit_enade_2019_v1.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino a distância se confirma como tendência**. Brasília, 2020b. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ensino-a-distancia-se-confirma-como-tendencia>. Acesso em: 11 jun. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm#art92](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm#art92). Acesso em: 29 mai. 2022.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes. **A Trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. 2006. 239 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia / Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ), Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.cos.ufrj.br/uploadfile/1430748034.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2022.

CORREIO BRASILIENSE. **Enade: cursos presenciais e de universidades públicas têm nota mais alta**. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/ensino-superior/2020/10/4883297-enade-cursos-presenciais-e-de-universidades-publicas-tem-nota-mais-alta.html>. Acesso em: 11 jun. 2022.

IBGE. Educação 2019. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, v. 2019, n. 2, p. 1–16, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 11 jun. 2022.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza. **A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços Limites e Contradições**. [s.l.]: Atena, 2020. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/2940>. Acesso em: 05 jun. 2022.

PELLI, Débora; VIEIRA, Flávio César Freitas. História da Educação na modalidade a distância. **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**, 2018. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/907/192>. Acesso em: 05 jun. 2022.

PRETI, Oreste. **Educação a Distância: Fundamentos e Políticas**. 2. ed. Cuiabá: EDUFMT, 2011.

SILVA, Danniela Ernesto de Lima; FERREIRA, Adir Luiz. Trajetória da Educação a Distância: do surgimento à Educação Superior no Brasil. **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**, 2018. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/732/269>. Acesso em: 05 jun. 2022.